



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|---|--|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input checked="" type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

A Cidade Diversa. Niemeyer e o debate sobre o Urbanismo

A Diverse City. Niemeyer and the Debate on Urbanism

Una Ciudad Diversa. Niemeyer y el Debate sobre Urbanismo

BORDA, Luis Eduardo (1)

(1) Professor Doutor, Universidade Federal de Uberlândia, UFU, Programa de Pós-Doutorado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Uberlândia, MG, Brasil; email: luiseduardoborda@yahoo.com.br



A Cidade Diversa. Niemeyer e o debate sobre o Urbanismo

A Diverse City. Niemeyer and the Debate on Urbanism

Una Ciudad Diversa. Niemeyer y el Debate sobre Urbanismo

RESUMO

Trata-se do desenvolvimento de pesquisa de Pós-Doutorado (FAU/USP) buscando identificar o pensamento urbanístico de Oscar Niemeyer. Através da análise dos projetos de larga escala, bem como de algumas intervenções ao nível do quarteirão e do lote, a investigação busca compreender o modo como Niemeyer vê a cidade e identificar suas principais preocupações urbanísticas. A idéia é compreender que modelo de cidade propõe Niemeyer e verificar até que ponto tal modelo se relaciona com as diretrizes do urbanismo modernista. A pesquisa leva em conta, também, os desdobramentos do debate contemporâneo sobre a cidade, analisando até que ponto o arquiteto acompanha a revisão de alguns pressupostos do urbanismo modernista, iniciada a partir dos anos 50. A conclusão preliminar é que as proposições urbanísticas de Niemeyer revelam seu indefectível vínculo com o pensamento urbanístico modernista. Outra conclusão preliminar é que o arquiteto dá tal atenção ao ordenamento formal de seus conjuntos urbanísticos que já não se trata apenas de funcionalismo, mas sim de uma preocupação formal que, aproximando-se de certo modo do *Purismo*, é diversa, todavia, do modo como tem sido hoje debatida a estética das cidades.

PALAVRAS-CHAVE: urbanismo, Niemeyer, arquitetura

ABSTRACT

This work presents my Postdoctoral research (FAU/USP). The aim is to understand the thought of Oscar Niemeyer about "city". Through the analysis of some Niemeyer's major urban projects, as well as projects in the scale of the lot, the idea is to understand how Niemeyer sees "the city", also identifying their main concerns about it. The main idea is to understand if the city proposed by Niemeyer is related to the guidelines of modernist urbanism. Also the survey takes into account the developments of the contemporary debate about the city, analyzing the extent to which Niemeyer accompanies some reviews concerned modernist urbanism, started from the 50's. The preliminary conclusion is: the urban propositions of Niemeyer reveal his unflinching bond with the modernist urban thinking. Another preliminary conclusion is: the architect gives such attention to the formal planning of their urban sets that it is no longer just functionalism but a formal concern that, approaching in a certain manner of Purism, is, however, different from the way has been today debated the aesthetics of the cities.

KEY-WORDS: Niemeyer, Urbanism, Architecture

RESUMEN

Este trabajo presenta el desarrollo de mi investigación Postdoctoral (FAU/USP) buscando identificar el pensamiento urbanístico de Oscar Niemeyer. A través del análisis de los proyectos de gran escala, así como aquellos al nivel de la cuadra, la investigación busca entender cómo Niemeyer ve la ciudad e identificar sus principales preocupaciones urbanísticas. La idea es entender que modelo de ciudad propone Niemeyer y comprobar en qué medida este modelo está relacionado con las directrices del urbanismo moderno. La investigación tiene en cuenta también los desarrollos del debate contemporáneo sobre la ciudad e pregunta si el arquitecto acompaña la revisión actual de algunas ideas del urbanismo modernista. La conclusión preliminar es: las proposiciones urbanas de Niemeyer revelan su vínculo inquebrantable con el pensamiento urbano modernista. Otra conclusión preliminar es que el arquitecto da tanta atención a estética de sus conjuntos urbanos que ya no se trata sólo de funcionalismo, sino de una preocupación formal que, si se aproxima del Purismo de Le Corbusier, es sin embargo diferente del modo cómo se ha discutido hoy la estética de las ciudades.

PALABRAS-CLAVE: urbanismo, arquitectura, Niemeyer

1 INTRODUÇÃO

Desenvolvida ao longo de mais de 70 anos e implicando inúmeras propostas e projetos realizados, a obra de Oscar Niemeyer desponta como uma das mais ricas e instigantes produções de arquitetura e urbanismo do século XX. O reconhecimento internacional, os vários prêmios e distinções que recebeu ao longo da vida, os inúmeros convites para realizar projetos importantes, bem como a atenção da crítica, sem dúvida decorreram da qualidade e inteligência de suas propostas arquitetônicas. O problema que se coloca é que, atraídos pela originalidade e criatividade de sua arquitetura, talvez tenhamos esquecido de destacar devidamente sua contribuição urbanística ou de buscar entender de que modo estão conectados seu entendimento sobre a cidade e suas proposições arquitetônicas.

Este trabalho é a tentativa de lançar um olhar sobre o pensamento urbanístico de Oscar Niemeyer. A idéia é buscar compreender como o arquiteto via a cidade e como seus projetos, segundo acreditava, poderiam contribuir para uma cidade melhor.

Trata-se de uma pesquisa de Pós-Doutorado, que está sendo desenvolvida na Universidade de São Paulo, e cuja previsão de término é outubro de 2014.

2 COLOCAÇÃO DO PROBLEMA

Uma vez que a obra de Niemeyer se destacou pela expressividade plástica e pela originalidade quanto ao modo de tratar a forma, muitos estudos e análises da obra do arquiteto centraram-se na compreensão das referências estéticas de sua arquitetura e na análise do desenvolvimento de sua linguagem. O trabalho pioneiro de Yves Bruand, por exemplo, buscou compreender qual a contribuição de Niemeyer para uma linguagem brasileira, do mesmo modo que procurou situar suas referências conceituais e formais. A principal preocupação de Bruand, eu diria, foi a questão referente à linguagem arquitetônica, não as questões urbanísticas. (BRUAND, 1991). Pesquisadores mais recentes, como Marco do Vale e Rodrigo Queiroz, aprofundaram a análise formal da obra de Niemeyer, neste caso considerando as influências da linguagem de Le Corbusier sobre a produção do arquiteto; no caso de Rodrigo Queiroz, a análise buscou as influências recíprocas de Niemeyer e Corbusier. Com certeza os aspectos urbanísticos não ficaram de fora, mas sem dúvida nenhuma o interesse da abordagem, em ambos os trabalhos, foi a arquitetura. (QUEIROZ, 2007. VALE, 2000). Tanto em meu trabalho de Mestrado quanto de Doutorado, centrei-me também nas questões da linguagem arquitetônica de Niemeyer. Partindo da Arte Moderna, busquei identificar de que modo algumas referências no campo da escultura e questões da Arte serviram de base para as suas criações arquitetônicas. Embora tal análise não tenha me impedido de, dentro disso, considerar também problemas urbanísticos, a análise esteve dirigida, de qualquer modo, para o entendimento das formas.

A despeito de não ter sido o urbanismo a principal motivação da maioria dos pesquisadores de Niemeyer, coube a alguns analistas, como Eduardo Dias Comas e Luiz Recamán de Barros, lançar indagações sobre as implicações e as questões urbanísticas de alguns projetos de Niemeyer. Récaman de Barros interessou-se em discutir até que ponto alguns projetos relevantes de Niemeyer alinharam-se às diretrizes do Urbanismo Modernista. Indagou em que medida a arquitetura e o urbanismo de Niemeyer implicaram a questão da reprodutibilidade da forma e do espaço, uma das questões do Urbanismo Moderno. (BARROS, 1996, 2002). Já Eduardo Comas parte da crítica contemporânea e verifica até onde algumas das propostas de

Niemeyer implicam a revisão dos pressupostos modernistas, empreendida pela crítica contemporânea desde os anos 50. (COMAS, 1986). Citaria também o pesquisador norte-americano James Holston. (Holston, 1993). Embora não tenha dirigido uma crítica direta a Niemeyer, sua análise contundente de Brasília, considerada por ele a melhor expressão das diretrizes modernistas, pode ser entendida também como uma crítica a Niemeyer. Isso porque, como tentarei mostrar, Niemeyer sempre se identificou totalmente com os princípios urbanísticos que nortearam Brasília, tendo inclusive ajudado a configurá-la através de inúmeros projetos.

As críticas que citei já colocam um primeiro problema: embora tenha sido um dos pioneiros do urbanismo moderno, sua longa produção alcança o período de crítica e revisão dos pressupostos modernistas, discussão que se acirra na década de 80. É natural, portanto, perguntar até que ponto Niemeyer acompanha tal discussão. Comas, por exemplo, considera que a produção de Niemeyer não adentra esse debate. (COMAS, 1986).

Assumindo uma posição respeitosa em relação ao pensamento e à produção de Oscar Niemeyer, o que interessa aqui é entender a sua reflexão sobre a cidade, identificar os princípios que nortearam seus grandes projetos urbanísticos e considerar, ademais, que se Niemeyer se manteve inflexível em relação a determinados modos de entender o urbanismo, isso não deveria ser considerado como uma falha do arquiteto, mas sim respeitado como sua reflexão sobre a cidade. Interessa, portanto, ver a extensa produção urbanística de Niemeyer como uma contribuição ao debate sobre a cidade, discorde-se ou não de seus pontos de vista.

Como metodologia de pesquisa, a idéia ambiciosa foi acompanhar em ordem cronológica, um a um, os projetos de Niemeyer, dando especial atenção às propostas para grandes setores urbanísticos e, inclusive, para cidades inteiras, tarefa que, embora árdua, tem sido facilitada pelas pesquisas anteriores que realizei sobre Niemeyer (Dissertação de Mestrado e Tese de Doutorado). A idéia é que os projetos para cidades inteiras e para grandes setores expressariam, de modo mais completo, o pensamento urbanístico de Niemeyer. Permitiriam verificar também de que modo estariam afetados pelo debate contemporâneo. Concluída a análise dos projetos de grande escala, a intenção é verificar até que ponto projetos menores, à escala do lote ou do quarteirão, trariam implicados os mesmos princípios que nortearam os grandes projetos. Esses projetos menores, muitos deles implantados em malhas urbanas tradicionais, permitiriam verificar também em que medida o arquiteto transigiu com a cidade tradicional ou mesmo foi capaz de enriquecê-la com suas proposições arquitetônicas.

A referência conceitual vincula-se, portanto, às idéias e realizações que delimitam o campo de questões discutidas pelo Urbanismo Modernista, o debate sobre sua revisão e atualização (CHOAY, 2000; LAMAS, 1992; ROWE, 1998, entre outros) e, finalmente, as várias análises e leituras que têm sido produzidas sobre a obra de Niemeyer e que incluem algumas das já citadas neste texto.

Como estratégia de abordagem, a idéia é analisar primeiro as propostas de grande escala e, depois, aquelas ao nível do quarteirão e do lote. As questões conceituais relativas à ideologia modernista e sua atualização serão discutidas projeto a projeto, respeitando o campo de questões implicado em cada proposta.

3 ANÁLISES E HIPÓTESES PRELIMINARES

Niemeyer jamais escreveu qualquer tratado sobre Urbanismo, mas talvez seja possível compreender seu pensamento acompanhando suas propostas urbanísticas e as justificativas que as integram. Se a maioria de seus projetos resultou de encomendas profissionais, elaborou algumas propostas que são reflexões sobre a cidade. A estas reflexões adicionou croquis que tornam mais claro seu pensamento; *Cidade do Amanhã* (NIEMEYER, 1979), *Rio de Província à Metrópole*, (NIEMEYER, 1980) e *Urbanização da Praça XV de Novembro*, Rio de Janeiro (NIEMEYER, 1991) talvez sejam as mais importantes. Juntando os projetos e as reflexões, acredito que seja possível se ter uma boa idéia do que pensava Niemeyer sobre a cidade e sobre o modo como seria possível construir, segundo ele, um espaço coletivo mais humano e mais adequado ao ritmo da vida moderna.

Como análise e hipótese preliminar, eu diria que o exame de suas implantações urbanísticas e de suas reflexões revela um arquiteto identificado com os princípios do Urbanismo Moderno, conforme discutidos pelos CIAMs e sintetizados na *Carta de Atenas*. A idéia da cidade imersa no verde, a preocupação com um bom espaçamento entre os edifícios de modo a garantir boa ventilação e insolação, a adoção do princípio da setorização das diversas atividades (moradia, trabalho, lazer, etc), o cuidado em assegurar a circulação fluida dos automóveis, a separação entre tráfego de pedestres e veículos, a existência de espaços amplos e pavimentados para o encontro coletivo e, também, a substituição da rua tradicional e do quarteirão por novas possibilidades de configuração do espaço urbano são, de modo geral, as principais diretrizes urbanísticas de Niemeyer.

Se, de modo geral, são esses os princípios que norteiam a maioria de seus projetos, duas peculiaridades de seu desenho chamam a atenção. Uma delas é a ênfase que coloca na resolução plástica de suas composições urbanísticas, sempre buscando forte relação formal entre os volumes. Embora essa preocupação possa ser vista em arquitetos como Le Corbusier, com certeza a questão plástica não era uma das bases do urbanismo funcionalista. O segundo aspecto é o que concerne à questão da setorização. Embora muitas de suas propostas tenham se orientado por este princípio, vê-se que em outras propôs diversidade de funções no mesmo edifício ou no mesmo setor urbano.

A hipótese preliminar é que, nos momentos em que houve diversidade de funções, tratou-se de uma exigência do programa, não de uma opção do arquiteto; e que, se o fez, é porque nunca se omitiu como arquiteto: afinal, sua intenção sempre foi dar sua contribuição como profissional, contribuição que não se prendia somente aos aspectos urbanísticos mas arquitetônicos também.¹ De qualquer modo, sempre que possível propôs organizações baseadas no princípio da setorização. Tentava resolver os deslocamentos longos entre os setores através de vias rápidas de trânsito ou através do transporte de massa. Todavia, acreditava que o ideal fosse deixar os setores o mais próximo possível; sua expectativa é que os trajetos pudessem ser feitos a pé. Fica a pergunta se haveria nisso uma nostalgia em relação à escala das pequenas cidades (incluindo aí a cidade medieval), cidades onde as diversas

¹ Entre os projetos que apresentam uma clara setorização da atividades, podem ser citados Centro de Treinamento da Aeronáutica, São José dos Campos, 1947; Cidade Marina, 1956; Centro Administrativo de Recife, 1978; Urbanização do Parque do Tietê, 1986; entre outros. Já entre as propostas que implicam a questão da diversidade de funções no mesmo espaço (moradia, comércio, cultura, trabalho, etc) eu citaria Conjunto JK, Belo Horizonte, 1951; Centro de Negócios, Miami, 1972; as ZACs francesas de Grasse, 1967, Dieppe, 1972 e Villejuife, 1978; Conjuntos Habitacionais Curicica e Ilha Pura, Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, 1978, entre outros.

atividades estavam próximas da residência e podiam ser alcançadas a pé. Em vários de seus textos justificativos, Niemeyer se referiu a esse desejo de proximidade e deslocamentos curtos. A justificativa do projeto para a ZAC de Dieppe (Fig. 1) é um exemplo. Imaginando um passeio por tal conjunto urbanístico, Niemeyer escreveu:

Como era justa a solução adotada, com as habitações integradas na vegetação, cercando em leque a grande praça arborizada, as escolas, o clube e os campos de esporte! Trata-se de um velho princípio urbanístico – o equipamento ao pé da habitação [...]. Passeamos pelo gramado [...] e a primeira construção que apareceu foi o mercado de apoio, limitado às solicitações do dia-a-dia e, logo depois, o centro comercial, que deve constituir o lugar dos moradores da zac e mesmo da região. Em cinco minutos o atingimos, surpresos com o ambiente de animação e movimento que oferecia: um extenso drugstore, ladeado de lojas, integrado na praça que o cinema e a biblioteca complementavam. Curiosos, ficamos a olhar aquele local de encontros, o público que nele circulava, os cafés e os restaurantes cheios de gente, os que entravam e saíam das lojas, partindo com seus embrulhos para o estacionamento ou, pela rua de pedestres, para o centro habitacional. Sentíamos que muitos se conheciam e se cumprimentavam, como se uma grande família morasse naquela ZAC. E o contraste com os grandes centros nos vinha à memória, habituados ao not to be involved das metrópoles. (NIEMEYER; EMERY, 1979, p: 78)

Fig. 1. ZAC de Dieppe, França, 1971. Fonte: NIEMEYER, 1979b. Legenda: 1. Centro Comercial; 2. Cinema; 3. Biblioteca; 4. Apartamentos multifamiliares (sobre pilotis); 5. Casas geminadas de 2 pavimentos; 6. Estacionamento.



É preciso estar atento ao que Niemeyer estava querendo dizer neste texto, pois quando falava em “rua” não se referia à rua tradicional e sim aos caminhos que conduziam às residências. Uma coisa é certa, afinado com os princípios do urbanismo modernista, Niemeyer via a rua tradicional e a estrutura dela derivada (o lote e o quarteirão) como coisas ultrapassadas, não só incapazes de satisfazer as exigências da complexa vida moderna como coisas que impediam maior conforto. Depois do advento do automóvel, a rua para ele passou a ser sinônimo de congestionamento de tráfego e poluição, observação com a qual, aliás, termina o texto sobre Dieppe. Assim, ao invés da estrutura baseada na rua, no quarteirão e no lote, o que Niemeyer propunha eram situações urbanísticas imersas no verde e onde os setores, ao mesmo tempo em que pudessem ser alcançados sem demora por vias rápidas de trânsito, tivessem a garantia do sossego determinado pela ausência do próprio automóvel. Chegando aos setores, o carro ficaria no estacionamento, e tudo então seria acessado a pé. Garantir-se-ia deste modo a tranquilidade desejada, de que tanto fala em seus textos, o convívio salutar com a natureza e a possibilidade de alcançar facilmente a pé os equipamentos urbanos.

A questão do planejamento era central para Niemeyer. Era o modo como pensava assegurar todos os princípios urbanísticos buscados. Isso talvez explique porque, tanto no caso da *Cidade Vertical*, Israel, 1964 (NIEMEYER, 1965), quanto no da *Cidade do Amanhã*, 1979 (NIEMEYER, 1979), tenha estipulado um número limite de habitantes e um desenho definido de uma vez por todas. Não queria algo que pudesse “desfigurar” com o tempo, mas que mantivesse a qualidade dos valores espaciais buscados desde o início. Assim, muito embora vários de seus grandes projetos urbanísticos fossem apenas estudos preliminares, traziam uma idéia clara do ordenamento geral do conjunto, gabaritos definidos e relações plásticas estabelecidas.

A idéia de que a cidade e seus setores deveriam ser planejados desde o início, e dentro dos princípios do urbanismo moderno, talvez explique porque Niemeyer preferia trabalhar do zero do que intervir em contextos pré-construídos. O plano para a *Urbanização de Argel*, 1968 (NIEMEYER, 1976), a proposta para Copacabana (NIEMEYER, 1980) e para o *Parque Tietê* (1986) são um bom exemplo disso. Ao propor a redefinição da margem sul do rio Tietê, por exemplo, Niemeyer pede dispensa da tarefa de interferir em setores pré-existentes, alegando que a intervenção em tais setores implicaria “*soluções de compromisso, agravando problemas de circulação, infra-estrutura, etc., sem a unidade e a grandeza que a urbanização do Tietê oferece*”. (NIEMEYER, 1986).

A principal razão da resistência de Niemeyer em trabalhar em projetos de requalificação era certamente seu veto à estrutura da cidade tradicional. Isso não o impediu, todavia, de pensar a requalificação da *Praça XV*, no Rio de Janeiro (1991), por exemplo. De qualquer modo, mesmo aí propunha a eliminação de um edifício eclético. (NIEMEYER, 1991).

Se Niemeyer realizou propostas para cidades inteiras – *Cidade Marina*, 1956 (NIEMEYER, 1960), *Plano Noguev*, 1964 e *Cidade do Amanhã*, 1979 – e diversos projetos para grandes setores urbanísticos, o fato é que pouquíssimo ou quase nada disso foi construído. Niemeyer foi, sobretudo, um arquiteto de prancheta, envolvido em centenas de projetos que, diferente do que desejaria, foram construídos na cidade tradicional. A maioria desses projetos está na escala do lote e do quarteirão e sua análise integrada, como foi dito, a segunda parte desta pesquisa. A idéia é verificar que relações urbanísticas tais propostas mantêm com o entorno pré-construído. Acredito que a análise dessas situações poderá tornar ainda mais clara a hipótese sobre seu modo de entender a cidade.



A observação preliminar, depreendida da análise de suas várias implantações, é que, quando em presença da malha tradicional, Niemeyer tende a negar o entorno imediato. Suas preocupações, neste caso, são a relação objeto/cidade e não o nexos objeto/bairro. A proposta para o Teatro de Uberlândia, 1989, é um exemplo disso. Há um fácil acesso ao edifício de qualquer ponto da malha urbana, e também um amplo estacionamento. A proposta do teatro não leva em conta o entorno imediato, todavia, que é considerado alguma coisa sem interesse. Em muitos outros projetos de Niemeyer percebe-se o mesmo. A hipótese é que, resistente em relação ao caos e ao congestionamento da malha tradicional (considera ele), o que busca implantar é a boa circulação e o fluxo rápido.

No caso de velhos ambientes urbanos, a hipótese preliminar é que Niemeyer tende a reconhecer, preservar ou estabelecer relações plásticas com o casario colonial, mas não com o eclético. Veja-se, por exemplo, a proposta de requalificação da Praça XV, Rio de Janeiro, 1991. Neste projeto preserva o casario colonial, inclusive acrescentando elementos que resgatam tal linguagem e, ao mesmo tempo, propõe demolir o prédio eclético de acesso às Barcas. (NIEMEYER, 1991). Haveria aí a mesma orientação que havia caracterizado a atitude de Lúcio Costa quando à frente do IPHAN? Ou seja: Niemeyer manteria a típica posição brasileira e modernista de combate ao eclético e de valorização da velha arquitetura colonial?²

Todavia, há momentos em que Niemeyer estabelece uma relação harmoniosa com o entorno, seja este um ambiente histórico ou não. O *Banco Boavista*, Rio de Janeiro, 1944, o *Hotel Cassino* na Ilha da Madeira, Portugal, 1966, o *Centro Cultural Niemeyer*, em Le Havre, França, 1972, e o *Jornal L'Humanité*, Paris, 1979, entre outros, são alguns exemplos. Em muitos desses casos, há não somente uma boa articulação em termos de acesso; o arquiteto cria em alguns deles áreas livres de encontro que enriquecem o espaço urbano e também estabelece diálogos através de relações de gabarito e, até mesmo, de cor e textura.

A hipótese a ser verificada é que os efetivos diálogos com o entorno acontecem quando diretrizes urbanísticas, traçadas com rigor, exigem de Niemeyer uma criteriosa relação com a malha tradicional (pré-existente). Essas são ocasiões, aliás, em que se pode sentir toda a competência e a excepcional qualidade de sua arquitetura. No mais das vezes, seu pouco interesse em dialogar com o contexto pré-construído seria explicado por seu veto à cidade tradicional. Afinal, o que sempre quis estabelecer foi um espaço urbano diverso, a seu ver mais adequado ao homem moderno.

REFERÊNCIAS

- BARROS, L. R. *Oscar Niemeyer: Forma Arquitetônica e Cidade no Brasil Moderno*. Tese de Doutorado. FFLCH/ USP. São Paulo: 2002.
- BARROS, L. R. *Por uma Arquitetura, Brasileira*. Dissertação de Mestrado, FFLCH/ USP. São Paulo: 1996.
- BRUAND, Y. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

² Outros exemplos que parecem confirmar essa hipótese são o Hotel de Ouro Preto (1940), onde, por orientação de Lúcio Costa, resgata a linguagem colonial, bem como dois projetos que realizou para a Praça da Liberdade, em Belo Horizonte. No caso desta praça, caracterizada por um ambiente eclético, Niemeyer propõe uma torre moderna (Projeto para a Assembléia Legislativa, 1965), substituindo o prédio eclético que abrigava o Palácio do Governo do Estado, e também desenha o Edifício Niemeyer (1954), um prédio residencial que, não obstante as qualidades arquitetônicas e plásticas, mantém um marcante contraste com os edifícios ecléticos que o cercam, não só no que concerne às linhas arquitetônicas mas quanto ao gabarito.



- CHOAY, F. *O Urbanismo. Utopias e Realidades. Uma Antologia*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- COMAS, C. E. Nemours-sur-Tietê, ou a Modernidade de Ontem. *Revista Projeto*, nº 89, julho de 1986.
- HOLSTON, J. *A Cidade Modernista. Uma Crítica de Brasília e sua Utopia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- LAMAS, J. *Morfologia e Desenho da Cidade*. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian e Junta de Investigação Científica e Tecnológica, 1992.
- NIEMEYER, O. Cidade Marina. *Revista Módulo*, Rio de Janeiro, nº 18, junho 1960.
- NIEMEYER, O. Plano Negev. *Revista Módulo*, Rio de Janeiro, v.10, nº 39, pp. 4-11, mar/abril 1965.
- NIEMEYER, O. Arquitetura Brasileira na Argélia. *Revista Módulo*, Rio de Janeiro, nº 43, jun/jul/agosto 1976.
- NIEMEYER, O. Uma Cidade para o Amanhã. *Revista Módulo*, Rio de Janeiro, nº 56, setembro de 1979a.
- NIEMEYER, O. e EMERY, M. Três ZACs na França. 1. Grasse, 2. Dieppe, 3. Villejuife. *Revista Módulo*, Rio de Janeiro, nº 53, março/abril 1979b.
- NIEMEYER, O. *Rio: de Província a Metrópole*. Rio de Janeiro: Avenir Editora, 1980.
- NIEMEYER, O. *Parque do Tietê: plano de reurbanização da margem do Rio Tietê*. São Paulo: Almed, 1986.
- NIEMEYER, O. *Urbanização da Praça XV*. Rio de Janeiro: Fundação Oscar Niemeyer. Coleção Oscar Niemeyer. 1991.
- QUEIROZ, R. *Oscar Niemeyer e Le Corbusier: Encontros*. Tese de Doutorado. São Paulo: FAU/USP, 2007.
- ROWE, C. e KOETTER, F. *Ciudad Collage*. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 1998.
- VALE, M. A. *Desenvolvimento da Forma e Procedimentos de Projeto na Arquitetura de Oscar Niemeyer (1935-1998)*. Tese de Doutorado. São Paulo: FAU/USP. 2000.